03 A 24 JUNHO

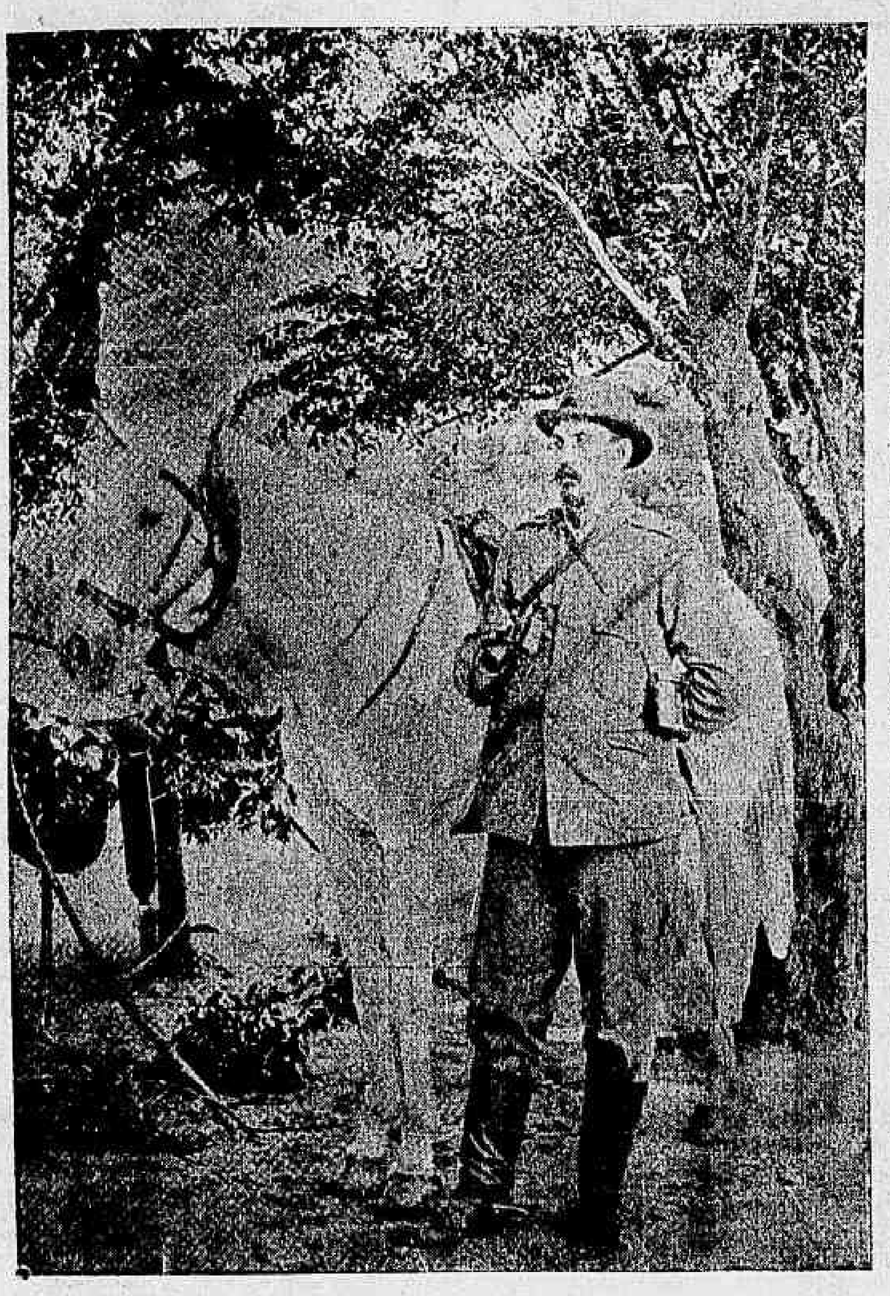
1900

Nº 03 A 06

mas não chegou áquella intensidade de assombro. Se ao menos a morte dos dois desgraçados fosse simultanea, o caso seria diverso. Tudo, porém, está em que possa haver essas horas de intervallo entre o fim de um e o fim inevitavel do outro!

Quem sabe lá com que furia doida o coração do que ia morrer aspirou soffregamente pela vida! Está ahi talvez a justificação das viuvinhas faceiras... Não é que durante a vida tenham deixado de amar muito os respectivos maridos. Talvez mesmo constituissem com elles o sonho da Igreja: dois em uma a só carne. Mas quando a morte te veio e levou um pedaço, o outro pedaço rebellou-se, declarou que sentia muito, estava prompto a chorar lagrimas copiosas, a vestir-se de luto, tanto mais pesadamente quanto mais... o preto se harmonisasse bem com a brancura de sua cutis; — mas historias de morrer, isso não! Morte não é brinquedo! Deixem os poetas esgrouviarem os cabellos, apregoando lyricamente que estão dispostos a morrer de dôr, porque a amada succumbio. Em verso a cousa fica muito bem. Rima-se *flor* com *amor*; falla-se no «golpe implacavel da sorte», para rimar *sorte* e *morte*, mas continua-se a viver... Pois se até o siamez sobrevivente não queria outra cousa! Que exemplo! meus senhores..

UM PAR DE... BOTHAS



Não vai desrespeito pelo illustre general em chefe das forças do Orange e Transvaal, na designação que damos a este quadro. O certo é, porém, que os jornaes illustrados estrangeiros, quando não podem obter photographias dos personagens celebres do momento, não duvidam reproduzir a primeira cara que lhe cahe sob a mão e garantir que é a figura do homem notavel, que todos desejam conhecer. Nas ultimas illustrações recebidas da França, ha os dois retratos que hoje damos, ambos pretendendo representar o General Botha. O que está sentado, deu-o *Le Monde Illustré*. O que está junto a um cavallo foi publicado pela *Illustration*. Nem ao menos se tem o direito de suppor que se trate do mesmo individuo em duas idades diversas, porque no que precisamente apparece como mais moço — o da *Illustration* — ha na mão um binoculo de prisma, fórma novissima, que só começou a ser fabricada ha cerca de tres annos. Os antigos binoculos de campo eram differentes e mais longos. Assim, parece evidente que das duas illustrações uma é falsa. Qual? Na duvida, reproduzimos ambas. Cremos, porém, que aos leitores será muito facil verificar com segurança qual a verdadeira. Basta que façam uma pequena viagem ao Transvaal...

*

Alphonse Allais, o celebre humorista francez, expoz em um conto o castigo que um grande cirurgião norte-americano infligio á esposa infiel. Apanhou-a um dia em flagrante, chloroformisou, tanto a ella como ao cumplice, tirou uma fatia de pelle de cada um, uniu-os bem, manteve-os adormecidos em quanto a cicatrisação se fazia e só os deixou acordar quando estavam presos, ligados, unidos irremissivelmente! Não sei bem se foi pelo dorso ou pelo braço que a ligação teve logar. O essencial é que ficaram fazendo um só corpo. Foi, talvez, se me consentem o termo, uma *xypophagisação* artificial. Allais fantasiou essa operação como um castigo. Parece, entretanto, que, em these, ella nada tem de impossivel e até de difficil. Por isso, se não fosse muito exaggerado, eu ousaria mesmo pedir que, para consolidar a moral incerta d'estes tempos, ficasse essa intervenção cirurgica decretada obrigatoriamente, como um complemento forçado do casamento civil. Era ainda o ultimo recurso a tentar para ver se se chegava a diminuir, senão supprimir de todo, os casos de divorcio. As infidelidades decresceriam. E se, de futuro, viessem os conjuges a reconhecer incompatibilidades muito profundas, ahi estava o Dr. Chapot...

*

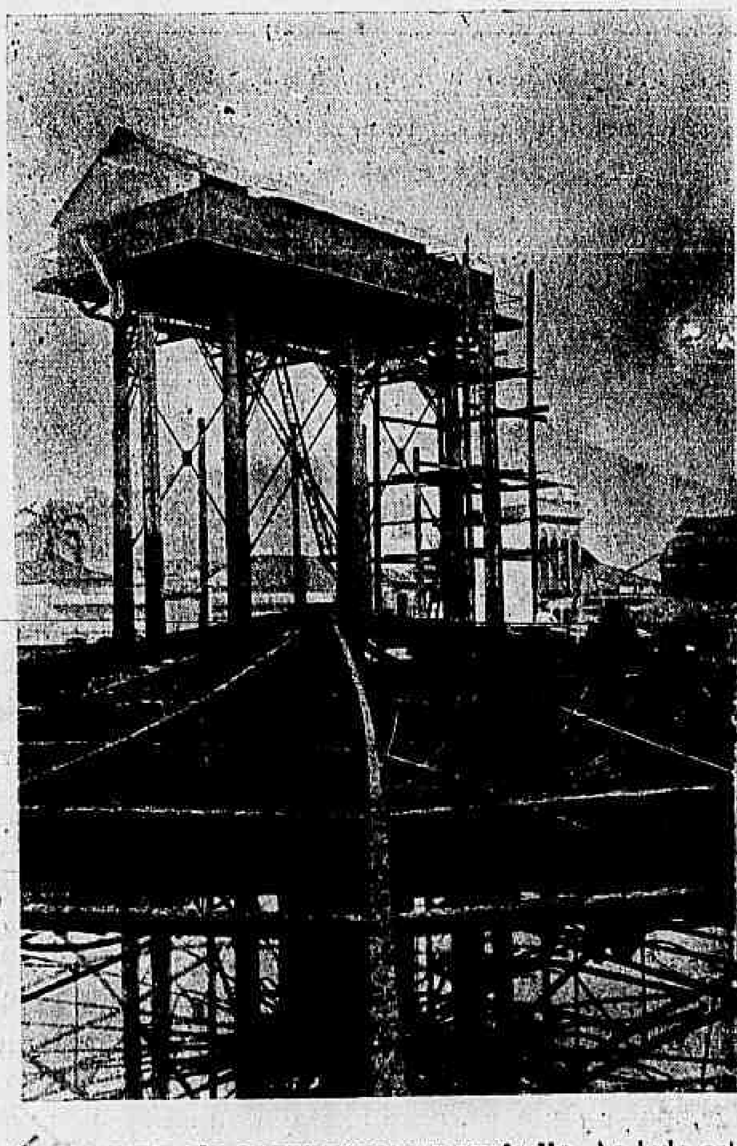
Um telegramma da Italia noticiou que o maestro Mascagni é candidato a um logar de deputado. Os nossos jornaes lembraram logo que elle poderia fazer reinar no parlamento italiano um pouco mais de harmonia. Outro suggerio que elle ia estragar o talento, habituando-se á *musica de pancadaria*, tão frequente entre os deputados de lá.

Porque a simples noticia da eleição de um maestro excitou de tal modo a verve do jornalismo fluminense? Dar-se-ha o caso que os musicos sejam mais particularmente inhabeis para as funcções publicas? Não me resigno a crêl-o.

Platão entendia que a musica, regulando a voz, ia até a alma e dava-lhe o gosto da virtude. Foi baseada em doutrinas analogas que a China instituio e conserva o *Ministerio da Musica*. Será exacto? Tambem não creio. Se fosse, os figurantes das operas lyricas, tenores, sopranos, primas-donas, seriam os mais acabados modelos de moral. Não é essa, entretanto, a fama de que gozam...

Não comprehendo, porém, porque motivo os que lidam com fusas e colcheias serão menos adequados ás confecções das leis do que os medicos, os engenheiros, os agricultores. A musica no nosso seculo augmentou muito as suas pretenções. Não se contenta em despertar grandes emoções; quer exprimir idéas precisas, nitidas, exactas. Por isso um escriptor já censurou a igreja catholica porque ella não deu lugar no *index* a nenhuma composição musical e acha elle que as musicas, ainda desacompanhadas de qualquer palavra, podem ser immoraes. Ora, se a isto se chegou, e com meia duzia de compassos ha quem consiga descrever situações várias, supprimindo com elles qualquer expressão oral, não se vê bem, porque não se poriam em musica as leis. Era um meio facil de fazer o povo decoral-as. A lei annual de fixação de forças daria para um dobrado militar. O orçamento, acharia para bem caracterisal-o um maxixe, um forrobodó terrivel e remechido...

Como seriam agradaveis as sessões do Congresso. O relator teria de solfejar a cousa, e todos can-



O que resta do gazometro que explodio. Ao lado está a caixa de agua, que nada soffreu

tando, e todos pulando, e todos marchando, dariam uma volta pelo recinto, emquanto ao alto — na Camara, o sr. Vaz de Mello e no Senado o sr. Rosa e Silva — regeriam a musicança.

As emendas ao orçamento, que o sr. Neiva vive a apresentar, passariam todas. Com a sua grande experiencia de bahiano, que tem o instincto do maxixe, elle as poria em compassos tão requebrados, que até as galerias interviriam enthusiasmadas: «Quebra! meu bem...», «Ataca, *seu* Neiva!» E furioso, empertigado nos seus collarinhos muito altos, torcendo e retorcendo o bigode, o sr. Montenegro, presidente da commissão de orçamento, damnaria de raiva...

Até os pareceres podiam ser musicados. Imaginem um parecer reconhecendo deputado *A* ou *B* e cassando o diploma de *X* ou *Y*. Precisaria attender-se aos dois lados do problema: parte de alegria, em tom de hymno triumphal, para os vencedores; parte de tristeza, em tom de cantochão e requiem para os derrotados... Um musico de talento faria com isso uma composição extranha e bella. Porque não elegeremos nós o Sr. Miguez ou o Sr. Nepomuceno?

Talvez, porém, os musicos chegados ao Congresso se identificassem de tal modo com a turba multa de desconhecidos que ha por lá que nem a gente os distinguisse: fallariam sem compasso, quebrariam a harmonia das discussões, com apartes irritantes... Vejam o que succede aos especialistas que lá estão: é uma lastima... Podem ser e são ás vezes excellentes deputados. Fallam bem, cabalam melhor, propõem leis, discutem-nas, impõem sua vontade. Mas do que constitue propriamente as suas especialidades, não fica um só vestigio. Querem uma prova? A profissão mais bem representada na Camara é a dos medicos. Medicos e cirurgiões existem por lá para as especialidades mais difficeis. Ahi está, por exemplo, o Sr. Bricio Filho. E' um cirurgião notavel e estimado. Todos os dias pelos jornaes annuncia que faz um certo numero de operações absolutamente sem dôr. Annuncia e é exacto. Vai, entretanto, para a Camara, vota pareceres que reconhecem uns tantos candidatos e põem fóra outros. Pois, senhores, até hoje, essa operação de *desxyphopagisação*, que consiste em separar um pretendente da cadeira que cubiçava, ainda não póde ser feita sem muita dôr... para o pretendente corrido... Que faz o Sr. Bricio? que fazem os outros medicos?

Assim, realmente, não vale a pena eleger especialistas...

Hagáh Hélle.

Gozar — se a regra não mente,
é um verbo defectivo:
falta-lhe um tempo; o presente
do indicativo.

J. M. Bartrina.

De que são feitos os mais bellos dias?
De combates, de queixas, de terrores!
De que são feitos? De illusões, de dôres,
De miserias, de maguas, de agonias!

Anthero do Quental.

Diz a cantiga hespanhola
que, se é grande o amor de alguem,
a ausencia dá-lhe uma esmola:
— se vai grande, maior vem...

Luiz Ozorio.

A DESCOBERTA DO BRAZIL

Grande quadro historico de Aurelio de Figueiredo, cujo esboceto ganhou o premio no concurso aberto pela Commissão do 4º Centenario

O quadro representa o momento em que ao grito de — terra! lançado pelo gageiro, toda a tripolação da náu Capitanea exulta de alegria, procurando constatar com a propria vista a verdade da auspiciosa nova.

Pedro Alves Cabral, radiante de satisfação pelo feliz exito da sua arrojada empreza, mostra com o indicador a silhueta do Monte Paschoal emergindo do horizonte longinquo. E' a figura que fica á esquerda do espectador.

Ao seu lado está Pedro Vaz de Caminha e junto deste o commandante da milicia da expedição, representado na figura de joven guerreiro.

No centro do quadro, um pouco adeante de Cabral, acha-se Frei Henrique de Coimbra, ajoelhado deante de uma arca aberta, da qual retira paramentos para a celebração de officios religiosos; mais adeante, o commandante da náo representado na figura do velho.

Sobre o Castello de prôa, o piloto transmitte ao gageiro, que deve estar no cesto da gavea, algumas ordens.

Marinheiros occupam-se na faina propria da circumstancia, etc., etc.

A scena passa-se á meia náu.

O CASTELLO

Ama o passado, se queres; ama-o e guarda-o no teu coração; só ahi poderás conserval-o perfeito, no estojo das tuas saudades e lembranças; e vai pelos tempos a dentro e adivinha-o; vê se o podes recompor atravez de tua alma e conserva-o ahi, porque as cousas não sabem guardar o passado, mal servem para attestal-o, pertencem sempre ao presente.

Estranho problema esse!... A alma, o ser animado, essa fica presa sempre á sua época, ao momento em que se fez; os tempos podem passar sobre ella que a não alteram; não seria difficil distinguir entre esses com quem nos encontramos diariamente, espiritos que sentem como sentiam ha 30 annos, e outros que vibram ainda as emoções recebidas ha mais de meio seculo... E emquanto a psyché permanece dentro do mundo em que se formou, as cousas inanimadas, vão marchando, acompanhando os tempos e as gerações com a fidelidade dos inconscientes.

A poeira dos tempos, figura de que a rhetorica tanto abusa para evocar a velhice, essa não é mais que o verniz rejuvenescedor das cousas inertes — especie de patina que lhes assignala a idade, mas, ao mesmo tempo, as mascára e desfigura.

Por isso, o homem se commove sempre que consegue surprehender um trecho de velhice fóra de sua alma. Vê alli, corporificados, muitos dos seus sentimentos, e lembranças, ensinamentos, poesia... E' sempre pittoresca a velhice das cousas. Cada um d'esses trechos antigos vale por um volume de historia: esse muro que escapou ao alvião apparece-nos como uma pagina enternecedora ou sangrenta; tem tanta vida e belleza como uma pagina de arte; ainda que alli não se assignalem nem factos heroicos nem acções gloriosas, ainda assim, sente-se que uma outra vida animou aquelles escombros, e que gerações e gerações roçaram por alli, e isto basta para fazer d'esse angulo de muro uma cousa interessante: faz pensar, faz sonhar.

Se amamos tanto o passado!

Que problema nos interessa mais e mais nos impressiona que o da nossa origem?!...

A sciencia pensa mais em esclarecel-a e explical-a do que em preparar o futuro.

Este aproveita os esforços inconscientes, a obra do acaso; conscientemente, o homem busca de preferencia o passado. E' ahi que o vemos absorvido, dominado, indagando, indagando sempre, mesmo onde tudo parece destruido: eil-o, entre fragmentos esparsos, a reconstituir, peça por peça, esse passado que é apenas uma sombra. Eil-o ahi, mergulhado nos vinte seculos da civilisação egypcia, ou nos residuos confusos das hordas nomadas da Chaldêa, entre fórmas enigmaticas e caracteres phantasticos; eil-o a refazer um mundo, sem uma data determinada, sem um facto seguro, sem um documento cathegorico. Um indicio insignificante, uma depressão do solo, uma gravura tosca, um bloco de argilla cosida, tudo lhe serve para reconstituir um monumento, que junto a outro monumento perfazem um scenario, em face do qual elle recompõe a scena, e, de scena em scena, todo o drama do passado. Assim ressuscitaram as civilisações, uma a uma, reis e povos, combates e victorias, crenças, idéas, artes, religiões, costumes.

∴

Um dia sentiremos essa mesma fascinação pelo passado, tentaremos reconstituil-o, reconstituir a physionomia d'esta nossa metropole, e então subiremos os tortuosos declives do Castello. E' lá que iremos buscar a evocação d'esses velhos dias. Por menos sonhadores que sejaes, não vos sentareis nos esconsos d'aquellas rudes muralhas sem que vos acudam todas, em tropel, as imagens d'esse passado. Entregue á visão interior d'aquellas figuras e das scenas em que ellas se agitaram, respirando aquella aragem de velhice, tomado pelo encanto d'essa vida antiga que alli subsiste idealmente, pouco a pouco vos sentireis absorvido, empolgado, vendo e sentindo com a imaginação, e, sem querer, vos afigurareis isolado alli, naquelle cabeço: cá em baixo a selva, a floresta virgem, o indio inimigo, e alli, no alto, como um refugio, o nucleo unico, a cidade nascente, a sua ermida, um ou dous renques de casas, formando o pequeno burgo colonial, tudo agarrado, amparado ás ameias da cidadella.

. . . .

Depois a civilisação invasora, avassaladora, absorvente, foi descendo, foi-se derramando pelos flancos do serro como uma enxurrada, alastrando-se pelos valles como uma hera tenaz: as ramagens dessiminadas pelas encostas desdobraram-se, multiplicaram-se estendendo-se pela planicie, tanto, tanto, que se fundiram, e a cidade, grande, augmentada, refez-se cá em baixo, e, lá em cima, o velho Castello se isolou e no seu isolamento pôde conservar um pouco da sua primitiva feição.

Elle é, hoje, um mundo á parte, nesta nossa babylonia. As gerações passaram sobre elle, obrigaram-no a acom-

James Smith é o nome do pequeno telegraphista norte-americano, que foi encarregado de levar ao Presidente Kruger, no Transvaal uma mensagem de sympathia da mocidade dos Estados-Unidos. Ha nella a assignatura de 29.000 estudantes. Smith partio de New-York, acompanhado pelo jornalista de Philadelphia, Sutherland. Já esteve na Inglaterra, passou á França, á Italia e deve actualmente achar-se a bordo de um vapor allemão que o levará até Lourenço Marques. De lá procurará ir ao encontro do velho chefe do Transvaal.

Sahindo do largo, subindo, alcança-se a outra subida: a *ladeira do Castello*, uma viella, ingreme e estreita; chega-se á *rua do Castello*: é a rua caracteristica do alto. Aqui, bem ao lado do *Observatorio*, lê-se, no portão de uma velha vivenda, o seguinte annuncio, tão genuinamente moderno: «alugam-se magnificos commodos na Avenida dos Coqueiros».

Em frente á rua, levanta-se um velho e largo portão: «é o portão do *páo da bandeira*» explica-me um menino. E' o portão da velha fortaleza. No alto, meio apagada, está uma placa: «Bateria Vespasiano de Albuquerque», e por sobre ella, a plataforma principal da cidadella.

O ponto não podia ser mais bem escolhido. D'alli domina-se toda a bahia, toda a planicie de em torno. O forte fica situado no extremo N., numa ponta escarpada e ingreme, inaccessivel por qualquer dos lados, a não ser pelo flanco occupado pela povoação. Ha um sitio, no interior da cidadella, d'onde a vista apanha um horisonte perfeitamente circular, completo, abrangendo todas as terras em baixo e todas as aguas. Voltado para o poente, descortina-se, de um mesmo ponto, as aguas da Gloria, do Flamengo e de Botafogo, para a esquerda; para a frente, a faixa de terra, o isthmo que vae da Lapa á Praia Formosa, e á direita as aguas da Gambôa. Girando para um lado ou para o outro, tereis sempre em face, o horisonte aberto e largo, o verde horisonte da nossa bahia e das serras que a emmolduram. Voltai-vos para a direita, afundai a vista por todos os seus escaninhos e acompanhai a sua curva — é mais de um semicirculo: ao fechar o giro do vosso olhar tereis, em frente, a garganta por onde podeis immergir a vista até o oceano. D'ali mesmo o aventureiro podia vigiar e panhar os tempos. Alli, nas ameias onde vigiavam os archeiros de Salvador Corrêa, passam e repassam os nossos infantes armados a Mauser; alli, onde arfava de ambição ou tremia de susto uma população de aventureiros, estremunha hoje um acervo de indifferentes e tristes. Todavia, a vida, a grande vida, o progresso, esses desceram; lá em cima ficou a miseria, achegada áquelles velhos muros, apoiando a sua penuria ás ruinas da velha cidade, obrigando-a a caiar-se e a pintar-se, mas não tendo forças para transformal-a, cobrindo-a como um sedimento, protegendo-a contra o tempo e contra a civilisação, isolando-a emfim.

Envolvido pela grande cidade, participando embora da sua vida, o Castello representa um recanto typico. E vós, que nascestes alli nas Larangeiras ou no Engenho Velho e vos consideraes um carioca legitimo, não o conheceis, não conheceis a nesga de sólo de onde irradiou a grande cidade, não conheceis o local que mais fielmente guarda a feição do primitivo Rio de Janeiro.

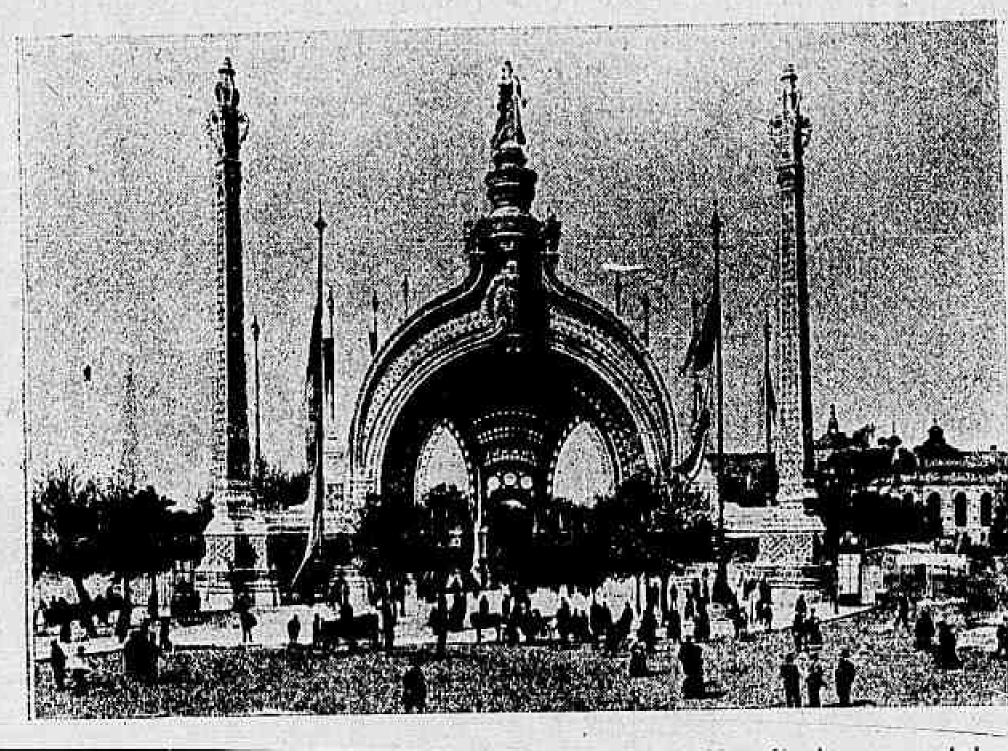
∴

Esse pequeno mundo, que é o Castello de hoje, tem o seu interesse, mesmo para os que não queiram buscar alli a evocação d'essas épocas passadas.

Desde que galgaes as suas encostas, ides perdendo a impressão da grande cidade. Subindo aquella Misericordia, penetraes pouco a pouco num outro meio. Ha um certo ar de familia em todas as physionomias, e esse descuido de modos que caracteriza os pequenos burgos pobres. Sois um estrangeiro, todos se conhecem, mas ninguem vos conhece; sois talvez um intruso, um importuno; subindo, embaraçaste logo áquella lavadeira que regava o seu estendal de roupas espalhado pela ladeira toda. Adiante, torceste o nariz diante do monte de lixo abandonado na pequena praça; bem se vê que sois um estrangeiro: ha tres seculos que o cisco alli se amontôa e por sobre elle as gallinhas esgravatam e os cães escabujam.

Mas, que nos importa isto; vêde o que effectivamente deve ser visto: monturo e desleixo tambem ha cá em baixo. Olhai para o alto; logo ao subir, avistaes, lá em cima, a massa imponente do velho convento. Approximai-vos, o conjuncto é bizarro e curioso; o convento, convertido em hospital, continua-se com a igreja e ao lado d'esta, numa dependencia do mesmo convento, está arvorado o observatorio astronomico. No alto da frontaria do templo, lêdes *1567* e, logo adiante, na mesma altura, o distico OBSERVATORIO. Ao lado, levanta-se um pardieiro baixo, cujo alpendre attesta uma real vetustade.

O pequeno largo, em frente, está escavado ainda, como nos dias de luta, quando foi preciso transformal-o em trincheiras e bateria: immundice, monturo, roupas ao sol, cabras pascendo, soldados passeando, tinas d'agua, lavandeiras, occupam o estreito espaço, aberto para baixo por uma escarpa violenta e tentadora como um abysmo. Ha um mez rolou d'alli um homem; apanharam-no em baixo já sem vida.



A porta monumental da Exposição de Pariz. No alto ha uma estatua collossal de mulher que representa a cidade de Paris

esperar a não mensageira.

Da rua do Castello penetra-se no largo do Castello. E' o coração do pequeno burgo. Segue-se a travessa de S. Sebastião e chega-se ao largo de S. Sebastião. Lá está a Ermida onde repousam os ossos de Estacio de Sá. O pequeno templo não é o mesmo levantado por Salvador Corrêa de Sá, mas occupa o mesmo sitio, e é tão simples, tão despretencioso como poderia ser a pobre Ermida levantada pelos primeiros povoadores do Castello.

Ao lado da Ermida, descamba a ladeira do Seminario. E' a mais pittoresca das tres. Tem o seu rosario de ruinas e de escombros, ruinas com aspecto de ruinas, porque, as outras, são tambem ruinas, mas ruinas caiadas e rebocadas, interessantes, mas sem belleza.

M. Bomfim.

MÃOS

Para que servem as mãos? Montaigne disse d'ellas alguma cousa, lembrando que nos são uteis para pedir, prometter, chamar, expulsar, ameaçar, rogar, supplicar, interrogar, admirar, nomear, confessar, arrepender temer, envergonhar, duvidar, instruir, ordenar, incitar, animar, jurar, testemunhar, accusar, condemnar, absolver, injuriar, desprezar, desafiar, disputar, adular, applaudir, abençoar, humilhar, zombar, reconciliar, recommendar, exaltar, festejar, lastimar, entristecer, reconfortar, desesperar, admirar, escrever, e até pensar...

São tudo! No nosso cerebro a parte que commanda os movimentos da mão direita fica juntinho da que dirige a palavra: é preciso que aquella se desenvolva primeiro, para que só depois a criança consiga fallar. E' que o gesto precedeu a expressão oral do pensamento. O gesto foi talvez durante muitos seculos, o que suppria o termo mais nobre de todas as linguas conhecidas: o verbo. Povos ha ainda hoje, que não sabem communicar as suas idéas no escuro.

Para que um interlocutor entenda o outro é necessario estarem ambos á claridade, frente a frente. Então, o que falla emitte o nome dos substantivos e substitue, com o movimento dos braços e das mãos a palavra que lhe falta para indicar a acção: diz, por exemplo, o nome de uma fructa e o movimento das mãos levadas á bocca, indica que a deseja para comer.

Por essa phase suppõem alguns que todos os povos passaram. Por ella passam hoje as crianças, que desenvolvem primeiro os movimentos da mão direita, antes de chegar á expressão oral do pensamento.

Em todos os tempos, por isso mesmo, a mão foi o organ nobre por excellencia. Deus, no *Livro de Job*, assevera que nas mãos de cada homem elle poz *como um sello para que todos conheçam suas obras*. E' a essa phrase que pretendem remontar com a sua genealogia os ledôres de *buena-dicha*, que julgam encontrar o destino de cada um escripto não só no entrecruzamento das linhas, como mesmo na fórma dos dedos.

Sem duvida, essa sciencia fantasista conta em seu activo alguns factos realmente assombrosos. Nada, porém, prova que elles tenham passado de simples coincidencias.

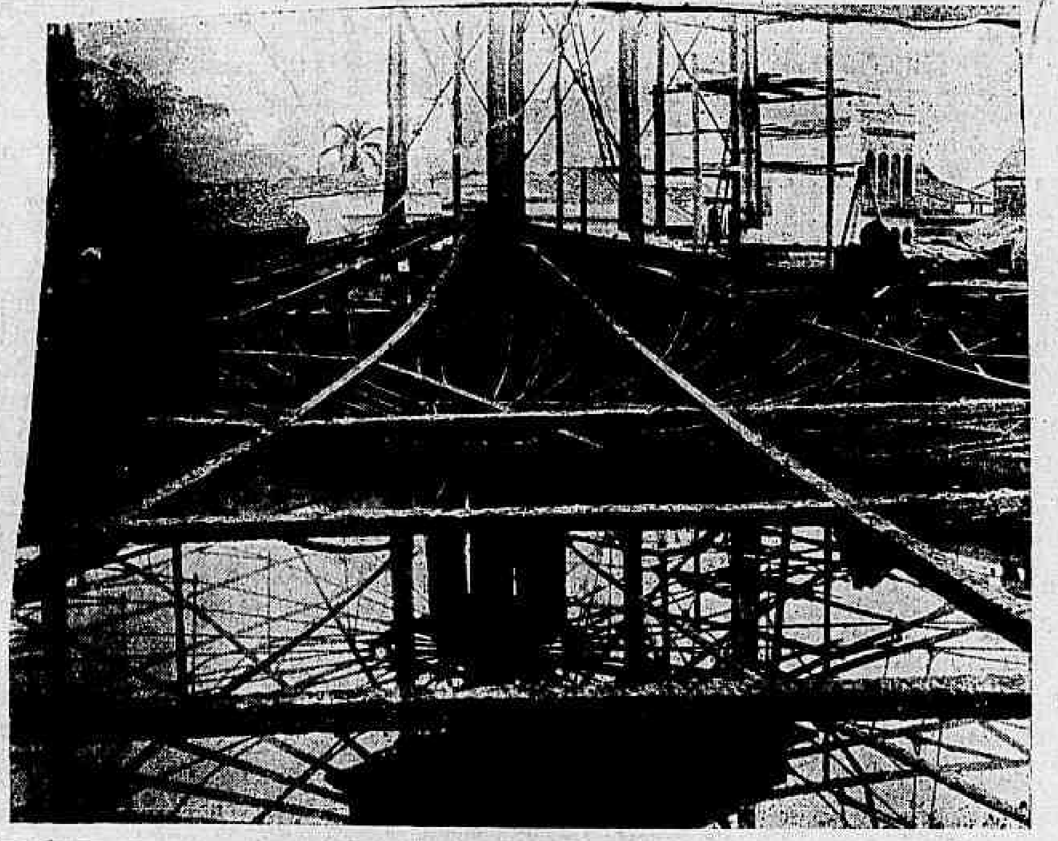
Mãos com os dedos terminados em pontas exprimem, segundo a doutrina dos chiromantes, tendencia para a religião, a poesia, a invenção, a imaginação e uma certa falta de ordem. Quando essa forma é levada ao excesso, arrasta á imprudencia, á exaggeração, á mentira, ao fanatismo: trata-se de individuos sem o menor senso pratico.

Mãos, cujos dedos tem as extremidades quadradas são as de pessoas dotadas de senso pratico, de razão, obedientes, tendo a necessaria capacidade de organisação, amor justo da arte e da litteratura, pouco propensas aos enthusiasmos. A mesma forma muito accusada é tyrannia, intolerancia, amor da regulamentação chegando ao despotismo.

Mãos, cujos dedos são nos extremos espatulados, indicão actividade, resolução, necessidade de movimento, de notoriedade, gosto por trabalhos physicos. Os que as possuem, quando se entregam á arte, não alcançam successo. O exaggero dessa forma implica um alto gráo de egoismo e falta de tacto; os que a tem, são sempre incommodos para si e para os outros.

Quando, porém, essas tres formas têm os *nós* dos dedos accentuados, a significação modifica-se. O *nó* que fica quasi na extremidade, perto das unhas, chama-se o *nó* philosophico. Os dedos pontudos que o possuem são os das pessôas habeis para observar, para perceber as cousas, e que, ao mesmo tempo tem um grande amor da verdade e um forte enthusiasmo pela arte. Os dedos quadrados, que o têm, caracterisam os individuos em quem se resumem estas duas qualidades: harmonia e progresso, justa apreciação do que é e intuição segura do que deve ser. Os dedos espatulados com o nó philosophico são os dos homens activos e po-

Na guerra do Transvaal. — Corpo de cyclistas inglezes transportando um ferido. A padiola, de um feitio especial, fica estendida entre quatro bicyclettas.



O que resta do gazometro que explodio. A confusão de linhas, que se vê na parte inferior, é o reflexo na agua das vigas que sustentam a coberta

Casas da rua General Pedra, damnificadas pela explosão

sitivos. O segundo nó, perto da palma, é o da ordem, da regularidade.

Dizia um poeta a certas mãos patricias:

«O mãos aristocraticas e finas
de tradições tão nobres!
— como o orvalho que cáe dos arvoredos
deixai cahir as perolas, dos dedos,
sobre as louras cabeças pequeninas
das criancitas pobres!»

Essas mãos deviam ser longas e estreitas... Esse é, de ha muitos seculos, o typo das que se consideram aristocraticas e com que os mestres de pintura sempre procuram enfeitar os seus modelos. Porque? A razão está talvez num facto de observação inconsciente. Os dedos finos e longos, terminando uma palma tambem estreita e comprida, são menos aptos ao trabalho manual tem menos força, constituem alavancas mais fracas.

Naturalmente os que as possuem sentem a natural tendencia de abandonar as profissões em que taes serviços são exigidos. Já não é o que succede com as mãos largas, de dedos curtos e vigorosos, que popem empunhar bem os instrumentos de trabalho.

De tal modo, o que Montaigne disse e é uma grande verdade: ellas nos servempara tudo. Os oradores mais illustres — Cicero Robespierre, Castellar foram dotados de bellas mãos. Castellar tinha com as suas exaggeros de toilette. Expunha frequentemente aos seus amigos que nellas residia o melhor da sua eloquencia.

Effectivamente, o gesto é a palavra visivel; sem elle, o pensamento parece ficar, senão incompleto, ao menos frio. Já houve oradores hediondos — Mirabeau estava nesse caso —; já houve outros zarôlhos, aleijados, tortos: nunca se vio um grande dominador de multidões, que fosse manêta.

E' que as mãos dizem mais claramente, accentuam com vigor o que a palavra limita-se muitas vezes a apenas indicar. Entre nós, todos sabem que a oratoria está no ensino inteiramente abandonada. Em certo tempo, a rhetorica era um preparatorio exigido. Davam-na, porém, como uma secca e arida enumeração dos nomes gregos que baptisam tropos e figuras exoticas. Depois, entenderam abolir por completo qualquer aprendizagem desse genero.

Não é isso, o que fazem nos Estados Unidos. Lá são numerosas as escolas de oratoria. Acham — e muito justamente, que a palavra é uma arma essencial das democracias. Nos estabelecimentos de instrucção de todos os generos, inclusive os de commercio e de agricultura, a oratoria tem seu logar. E da oratoria uma das partes mais importantes está precisamente no estudo dos gestos. A supplica, a ira, o desespêro, dizem-se melhor com acenos mudos do que com altas palavras. Pôr os dedos de uma das mãos entre os da outra e eleval-as, apertadas, não é o mais eloquente pedido de perdão? No tumulto das assembleas, quando ninguem conseguiria ser ouvido, as mãos espalmadas, movidas levemente, acalmam, fazem cessar todo rumor, toda agitação.

Napoleão, que não desdenhava estudar os varios modos de impressionar o povo, tomava conselhos com o grande actor Talma sobre as attitudes que lhe convinham nas grandes occasiões. Tinha um certo orgulho das suas mãos, que eram, de facto, pequenas e cuidadas e que elle sabia mover com garbo e propriedade.

Qual o poeta que não sonhou com um par de

«... mãos, estrellas de marfim polido,
com petalas de rosa, em cada raio?»

Antonio Feijó dizia de umas:

«De rendas finas como pennas,
feitas num mistico tear,
as tuas mãos parecem duas açucenas,
desabrochadas ao luar».

Não tinha razão B. Lopes, quando exprimia desejo que ha nestes versos:

«Desnecessario fôra enleio tanto;
e sentirias, tremula de espanto,
a intensa vida desta historia louca,

si á luz aurea do sol, que do alto vinha,
quando pousaste a tua mão na minha,
os meus dedos febris tivessem bocca!»

Os dedos sabem fallar melhor do que os labios mais eloquentes! As mãos conhecem o gesto que abençôa e o gesto que fere, o que diz o amor e o que diz a cólera. Beija-as a gente, quando nascem pequeninas e delicadas, beija-as quando se vão, mortas e lividas...

«Lyrio que murcha, ao despontar do dia,
foi descançar no derradeiro leito,
as mãos de neve erguidas sobre o peito,
pallida e loira, muito loira e fria».

E não é a scisma de toda moça adivinhar quem um dia lhe virá *pedir a mão?* A phrase diz bastante que «a mão» é ahi a vida inteira; é o amor, a dedicação, o futuro...

Pedro Zaluar.

DOCUMENTOS E INFORMAÇÕES

A imprensa em Londres.—A guerra do Transvaal teve, e não podia deixar de ter, consequencias muito sérias sobre o commercio de livraria e o jornalismo inglez. O primeiro soffreu um pouco. Em um anno, nesse ramo de negocio, declararam-se 147 fallencias. Em compensação, os jornaes augmentaram fabulosamente as suas tiragens quotidianas. Só o *Daily Mail*, que antes da guerra dava por dia 620.000 exemplares, foi além do milhão. Já no mez de Dezembro a tiragem total durante os 31 dias ascendeu a 27.350.000 exemplares.

Comprehende-se bem que no tempo gasto em ler tanto jornal vai tempo perdido para a leitura de livros.

O que faz actualmente a maxima attracção do jornalismo é, como se póde bem imaginar, a secção telegraphica. Ella constitue a questão maxima. Todos estão ávidos por noticias da guerra.

Ha, por isso mesmo, telegrammas que chegam a preços fabulosos.

Alguns Zulús pediram sommas de 1.500 a 2.000 francos só por levarem até á estação telegraphica mais proxima os despachos enviados pelos correspondentes! Realmente, o serviço não era sem perigo: havia que atravessar o exercito inimigo.

Outros, mais praticos ainda, exigiam um verdadeiro seguro de vida: contrato garantindo que, se fossem victimados pelos *boers*, seus parentes receberiam de 5.000 a 7.000 francos!

Um trecho de Julio Verne. — O coronel Baden-Powel, que sustentou com real heroismo o cerco de Mafeking escreveu em uma correspondencia que de lá conseguio enviar: «Aqui, diante de minha

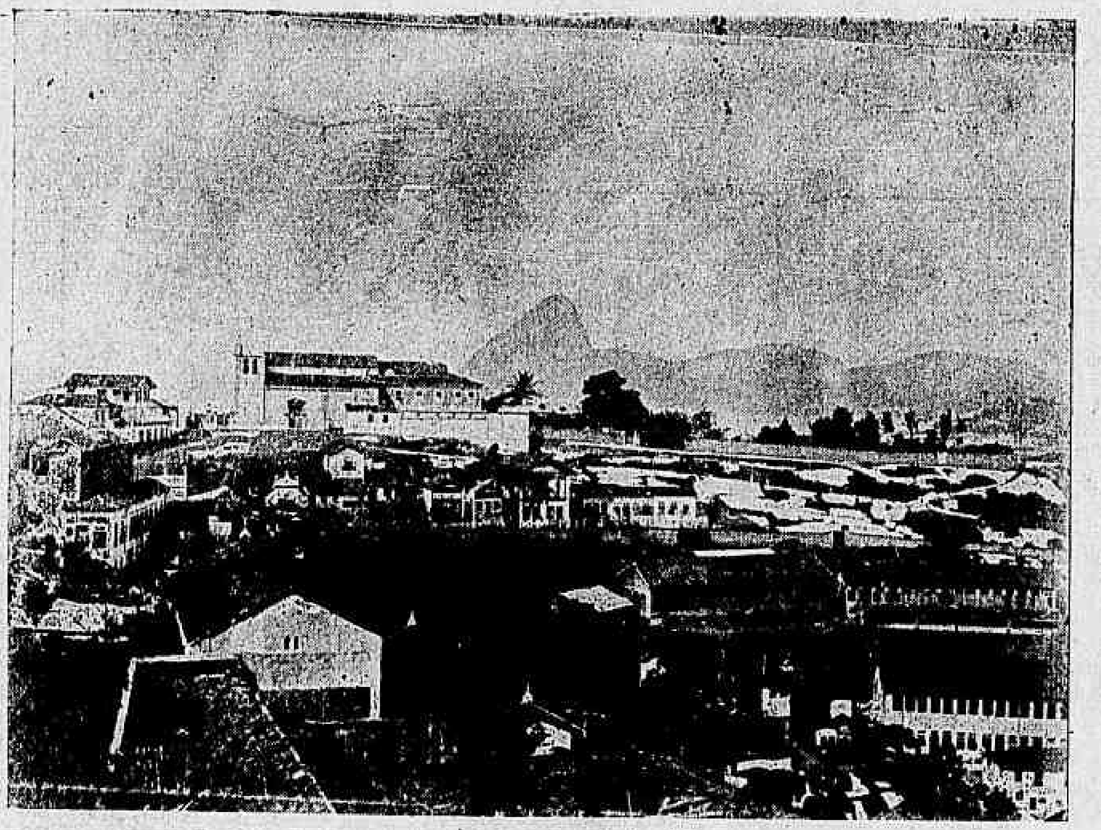
Fachada da Companhia do Gaz que dá para a rua D. Feliciana. Pedaço da cobertura do gazometro jogada pela explosão

mesa, bem ao abrigo das bombas, estou agora occupado a escrever esta carta. Em torno de mim, existen apparelhos telephonicos communicando com cada uma das avançadas. Ha em cada uma d'ellas um telescopio constantemente apontado para as avançadas e baterias boers. Deste modo, sou immediatamente prevenido dos movimentos do inimigo e da direcção dos seus tiros. Posso, portanto, immediatamente avisar por meio de sinos electricos, que foram istallados em todos os quarteirões da cidade, quaes os pontos ameaçados. Os defensores e habitantes, assim prevenidos, tratam desde logo de acautelar-se».

A uma serie de taes precauções deveu-se effectivamente em grande parte a salvação da cidade sitiada. Graças a essa minuciosa e bem organisada economia de vidas, a resistencia se póde manter, além do que seria para esperar. Mas é forçoso convir que aquelle trecho parece tirado de um romance de Julio Verne. Como, porém, os meios de ataque vão crescendo mais fortemente ainda que os meios de defeza, pensa-se com pavor no que será a guerra d'aqui a alguns annos!

Guilherme II. — O imperador da Allemanha é um dos homens mais justamente celebres do mundo. Entre os seus muitos talentos e proezas a *Revista Encyclopedica* enumera os seguintes:

Sabe cozinhar magnificamente. A isto junta ser um «bom garfo». Jogador de xadrez, pintor a oleo e a aquarella, faz photographias, desenha caricaturas, entende muito regularmente de mecanica e electricidade; já escreveu uma opera, um drama, uma comedia, uma prece publica; sabe o bastante para reger uma orchestra; póde cantar, valsar, tocar piano, bandolim, guitarra e violino; guia um cavallo e um yatch com igual maestria; tem a sciencia necessaria para commandar a manobra de um couraçado tão bem como a de um regimento; a lithurgia religiosa não guarda para elle segredo: seria capaz de rezar um officio divino tão bem como um bispo; já póde mais de uma vez atirar seguidamente durante quatro horas a fio, a razão de dois tiros por minuto; em vinte e cinco annos matou — conta certa — vinte tres mil e quinhentos animaes; goza de cento e quatro titulos diversos; é almirante de tres das principaes esquadras do mundo; muda de roupa dez a doze vezes por dia; possue, por isso, uma tal collecção de trajes diversos que avaliam-na em mais de trezentos contos de réis; trabalha em geral das cinco da manhã ás sete da noite, tirando apenas duas horas para as refeições...



No morro do Castello. — A ermida em que se encontram os ossos de Estacio de Sá, fundador da cidade do Rio de Janeiro. (Vide artigo)

Um excesso. — As senhoras inglezas que, logo ao declarar-se a guerra com o Transvaal, para lá partiram a prestar serviços, têm sido extraordinariamente uteis nas ambulancias e nos hospitaes de sangue. Algumas, porém, mostram-se tão desageitadas que, longe de constituirem um auxilio, tornam-se um embaraço para os medicos... e os enfermos.

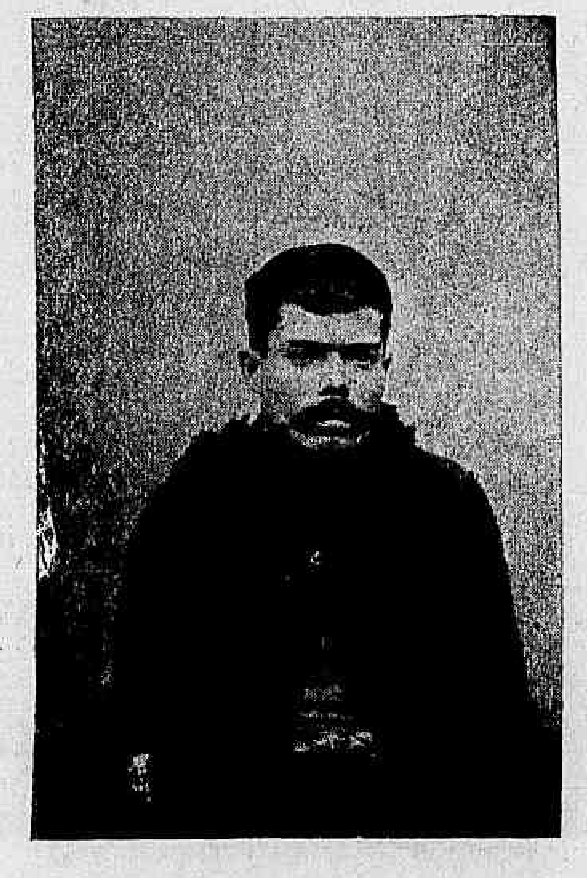
Conta uma revista italiana que, certa occasião em que um medico estava muito occupado, foi abordado por uma das enfermeiras, que lhe perguntou, desejosa de trabalhar: « *Que devo eu fazer?* » Impaciente, o facultativo perdeu de tal modo a calma que lhe respondeu: « *Devia pensar primeiro, antes de vir para cá.* » E accrescentou bruscamente: « *Já que está ahi, procure ser util de qualquer modo.* »

A senhora, um pouco atarantada (e não era para menos!), dirige-se então para um dos doentes e pergunta-lhe: « *Quer que eu lhe lave o rosto?* » — « *Pois sim!* — disse o enfermo — *mas que seja depressa, porque é a decima sexta enfermeira, que me vem fazer esta operação e eu estou com somno.* »

A decima sexta... Devia estar maravilhosamente limpa a carêta do sujeito!...

Um insecto aereonauta. — Andam os sabios a discutir o que vale mais a pena, para conseguir a conquista do ar: se achar a direcção dos balões, se construir apparelhos mais pesados do que o ar, como, de facto, são as aves, mas que podem graças ao movimento das azas, manter-se e orientar-se no espaço. Esta segunda solução era até hoje a que se podia chamar *natural*, porque pretendia imitar o unico exemplo que a natureza nos dá. Agora, porém, dois naturalistas americanos publicaram curiosas observações sobre um insecto, que tem a faculdade de formar um verdadeiro balão, graças ao qual se póde elevar. Segrega um liquido viscoso, que fórma pequenas bolhas regulares, que sommadas têm um volume duplo do corpo do animal. Na bolha central ha sempre uma mosca morta, que ainda não se sabe bem para que, ao justo, possa servir.

E', como se vê, um insecto partidario dos balões...



João Terceiro, gatuno celebre e audacioso, que ha mezes, conseguio evadir-se da Casa de Detenção. Em sua companhia tentou igualmente fugir o Padre De Bellis, que estava preso por falsificação de dinheiro, mas alcançado por um tiro veio a fallecer, emquanto João Terceiro tão bem soube escapar-se que até hoje não foi achado.

CONCURSO DE INSTANTANEAS

Um concurso permanente, o que hoje inauguramos. Todos os mezes, no ultimo dia do mez, reuniremos as photographias instantaneas que nos tenham sido enviadas e escolheremos as tres que nos parecerem melhores. A' primeira daremos um premio de 50$, á segunda de 30$ e á terceira de 20$000.

Cada concurrente sujeitar-se-ha ás seguintes condições:

1ª — enviar as photographias em envolucro especial, rôlo ou enveloppe, como melhor lhe convier, mas sem a minima dobra.

2ª — fazer acompanhar a prova remettida de um enveloppe fechado tendo por fóra o pseudonymo do autor e dentro o seu verdadeiro nome e a especificação do logar e occasião em que a photographia foi tirada. Caso não queira que, se fôr premiado, seu nome appareça, deve declarar.

O que principalmente fará para nós o merito essencial dessas provas será o *seu caracter de actualidade*. Scenas surprehendidas na rua, instantaneas em que figurem personagens conhecidos, quadros de grupos populares em occasião de festas, tudo em summa que possa ser curioso *pelo seu assumpto* terá para nós preferencia, sobre outras provas que, embora mais artisticas, sejam de menor interesse para o publico. Isso não exclue, é claro, a justa exigencia de nitidez e perfeição.

Mantendo constantemente aberto o nosso concurso, é assim possivel aos assignantes e leitores dos Estados tomarem parte nelle. Desde que as suas provas nos cheguem ás mãos antes do dia 30 ou 31, farão parte do certamen do mez. Passado esse prazo, embora tenham sido remettidas em data anterior, figurarão no torneio do mez seguinte. Para nós valerá apenas a data da recepção. Convirá que as remessas pelo correio sejam sempre *registradas*. Quando as provas venham em carta, será bom, para evitar que se estraguem, incluil-as entre dois cartões.

Todos os esclarecimentos sobre a occasião, o logar e as pessoas que figuram nas photographias serão bem aceitos.

A *Revista* reserva-se muito expressamente o direito de publicar mesmo as photographias que não tenham sido premiadas e que, em caso algum, serão restituidas.

ANNUNCIOS

COMPANHIA DE
LOTERIAS NACIONAES
DO BRAZIL

SÉDE
CAPITAL FEDERAL
Rua Nova do Ouvidor
ns. 29 e 29 A
Caixa do Correio n. 41
Endereço telegraphico
LOTERIAS

GRANDE LOTERIA
DO CENTENARIO
LOTERIA DA CAPITAL FEDERAL
— N. 73 — 1.ª —

Novo e importante plano
que, além do grande premio de **mil contos,** tem 1 de **50,** 1 de **30,** 1 de **20,** 2 de **10,** 2 de **5** e 86 de **2, um conto de réis** e **500 mil réis,** premiando tambem as centenas até o 3º premio, aproximações e dezenas até o 4º, assim como a terminação do 1º

EXTRACÇÃO INTRANSFERIVEL
Sabbado, 9 do corrente, ás 3 horas da tarde

1.000:000$000

Em bilhetes inteiros a 45$ e em sexagesimos (fracções) **a 750 réis**

Os bilhetes acham-se á venda nas agencias geraes de **Luiz Velloso & C.,** rua Nova do Ouvidor n. 10, endereço telegraphico LUZVEL, caixa do Correio 817, e **Camões & C.,** becco das Cancellas n. 2 A, endereço telegraphico PEKIN, caixa do Correio 946. Essas agencias encarregam-se de quaesquer pedidos, rogando-se a maior clareza nas direcções. Aceitam-se agentes no interior e nos Estados, dando-se vantajosa commissão. Os agentes geraes só recebem e pagam bilhetes premiados das loterias da **CAPITAL FEDERAL.**

ANNUNCIOS E ASSIGNATURAS
DA
REVISTA DA SEMANA

Emquanto não ficar installado o escriptorio na rua do Ouvidor, os annuncios e assignaturas para a REVISTA DA SEMANA são provisoriamente recebidos no escriptorio d'A NOTICIA.

PREÇOS

Assignaturas para a Capital		Assignaturas para os Estados	
Por um anno	15$000	Por um anno, registrada.	28$000
		Por um anno, simples.	18$000
Por seis mezes	8$000	Por seis mezes, registrada. . . .	15$000
		Por seis mezes, simples.	10$000

Annuncios com photo-gravura			Annuncios sem photo-gravura		
	UMA VEZ	REPETIÇÃO		UMA VEZ	REPETIÇÃO
Pagina	250$000	150$000	Pagina	150$000	80$000
1/2 pagina	150$000	80$000	1/2 pagina	80$000	50$000
1/4 de pagina. . . .	80$000	50$000	1/4 de pagina. . . .	50$000	30$000
1/8 de pagina. . . .	—	—	1/8 de pagina. . . .	30$000	20$000
Os annuncios com photo-gravura são recebidos até quarta-feira ao meio dia.			Os annuncios sem photo-gravura são recebidos até quinta-feira á noite.		

A NOTICIA — 123 Rua do Ouvidor 123

Officinas da REVISTA DA SEMANA. — 150 Rua do Lavradio 150.

UMA ENTALAÇÃO

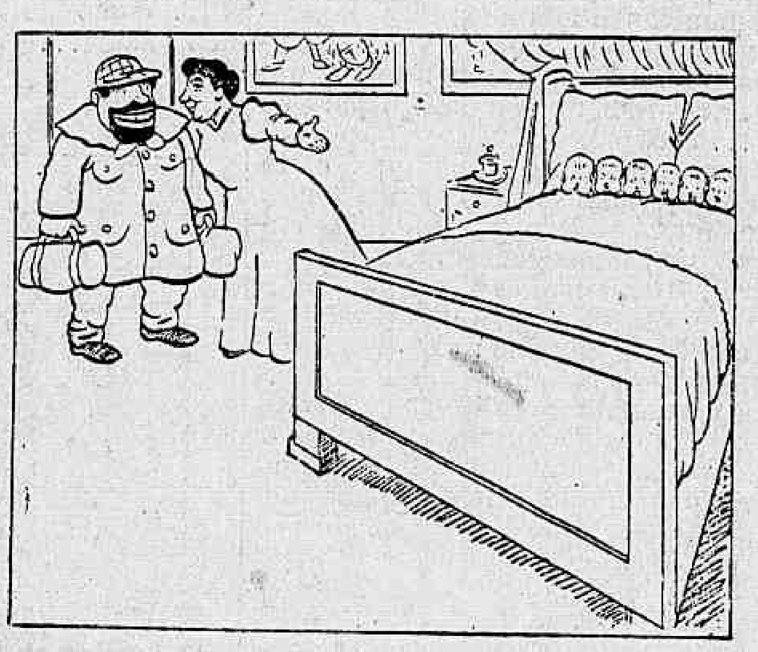
A mulher do Quincas do 1º andar teve dois rochunchudos gemeos...

E no mesmo dia, mez e anno, a mulher de Casusa do 2º andar teve dois rochunchudos gemeos...

E no mesmo dia, mez e anno, a mulher do Zeca do 3º andar teve dois rochunchudos gemeos, e ia pregar esta surpreza ao Zéca, que estava para chegar da Itaquecetuba...

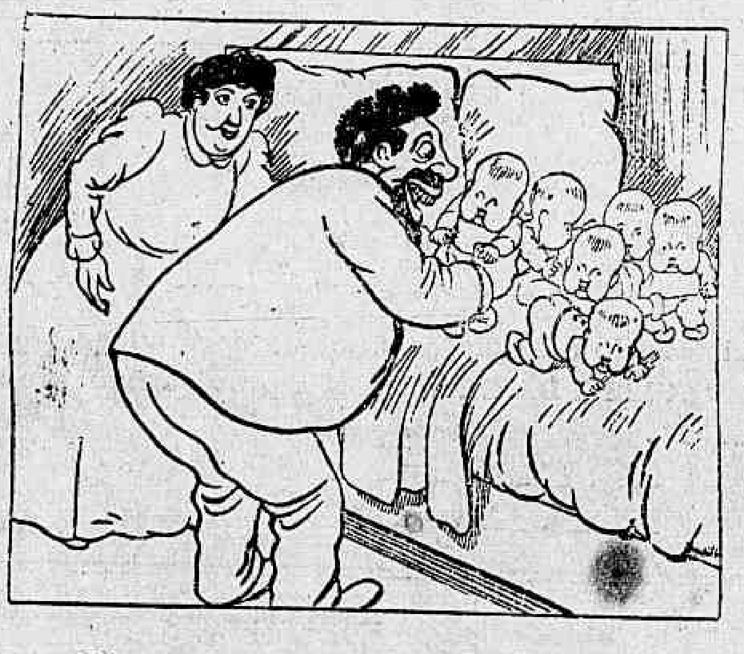
E os visinhos gosavam em commum a delicia da paternidade por partidas dobradas...

...quando o Quincas e Casusa, tiveram uma idéa: uma partida ao Zéca, quando chegasse de Itaquecetuba.



Chega o Zéca e a esposa começa a partida:

—Meu querido, és pae de seis pimpolhos!...



Zéca, esquecendo-se do cambio a sete e outras ninharias, engole a patranha cheio de alegria, e põe-se a festejar os herdeiros.

E continuaria nessa doce illusão de pae de seis se o Quincas não desmanchasse a pilheria.

Zéca, diz o Quincas, isto tudo é troça, só tens a paternidade de dois, dois são meus e os outros dois de Casusa.

—Mas quaes? pergunta o Zéca. —Entalação completa! Nem o juizo divisorio do velho rei Salomão será capaz de aclarar o caso!